

Condensações de artigos de interesse permanente.

Copyright © 1970 da Editora Ypiranga S.A.



Uma mãe conta a horrível história
do filho vítima de uma droga mortal

Trágico Mergulho

JEAN ALISON,*

conforme narrativa feita a VIC WHITMAN

NAQUELA TARDE de outubro, quando atendi à campainha da porta e dei com meu filho Rod, alto, forte, com 20 anos, apoiado no braço de seu amigo Ed Harrison, mal pude acreditar no que via. Rod, geralmente impecável, estava barbado e desgrenhado, com um sorriso inexpressivo no rosto.

—É lindo, mamãe—balbuciava êle.—Agora eu sei de tudo. Eu sou o Amor, mamãe. Rod é o Amor.

Meu filho estava intoxicado por

LSD! Em meu trabalho de meio expediente no departamento de ordem pública, eu tinha visto reações assim à dietilamida do ácido lisérgico, nome científico que se dá a essa droga fatal.

Ed, companheiro de quarto de Rod, parecia bastante sóbrio. Mas meu filho continuava a tagarelar.

—Está vendo o sorriso, mamãe? Eu sou o Amor. Estou feliz. Você se lembra de como eu nunca sorria? Eu nunca fui feliz.

* Êste nome e todos os demais neste artigo são fictícios.

—Isso não é verdade, Rod—respondei-lhe.—Tôda a vida você sorriu.

—Mas não era real, mamãe. Só é real o que estou sentindo agora, porque eu sou o Amor. Você está compreendendo, mamãe?

Depois, quando lhe disse que êle parecia um tolo, sua expressão tornou-se triste, e êle caiu ao chão, dizendo:

—Rod está morto.

E ficou ali, imóvel, respirando suavemente.

Àquela altura a única coisa que eu sabia sobre o LSD era que era imprevisível. Algumas pessoas vêem cores brilhantes, ou vêem um objeto inanimado como uma cadeira palpitando como se estivesse vivo. Outras perdem o equilíbrio mental e acabam em hospitais psiquiátricos, ou tentam suicidar-se. Eu ouvira dizer também que os que o usam, em sua maioria, sofrem de graus variáveis de alucinações conhecidas como *ação retardada* durante dias e até meses após a sua experiência alucinógena.

Olhei para Ed:

—Você sabe explicar isto?

Sem jeito, êle evitou o meu olhar.

—Há duas semanas Rod e eu rachamos uma cápsula de ácido —disse êle.—A viagem durou umas oito horas mais ou menos. Eu me senti razoavelmente bem depois, mas Rod começou a repetir que sentia uma coisa esquisita. Durante alguns dias êle ficou tocando violão e cantando em voz alta. Afinal, pareceu voltar ao seu normal. Mas quando fomos ao supermercado fazer compras, êle

ouviu, num alto-falante, uma das melodias que estivera cantando, e isto o fêz disparar de nôvo. Quando vi que êle continuava nessa reação retardada, achei melhor trazê-lo para casa para junto da senhora.

—Esta foi a primeira experiência de Rod?

Êle hesitou muito tempo antes de responder:

—É possível que tenha havido mais uma. Mas prefiro que êle lhe conte, Sr.^a Alison.

Mais Alto do que a Lua. Comecei a desconfiar. Sharon, nossa filha, estava numa universidade a 300 quilômetros de nossa casa na Califórnia. Ela é dois anos mais velha do que Rod, mas os dois eram tão unidos como se fôssem gêmeos. Depois que Rod abandonou a Academia Militar de West Point, umas seis semanas antes, êle foi ver a irmã diversas vezes. Últimamente as cartas de Sharon eram vagas, incoerentes, diferentes das escritas pela garôta inteligente que sempre fôra. Estaria ela envolvida naquilo?

Mas no momento Rod precisava de cuidados. Telefonei para o meu marido. Jim, subdelegado de polícia, é um homem grande, de olhar firme, que não dá muito palpite, mas é o melhor dos protetores. Dez minutos depois, êle chegava e se debruçava sobre Rod.

—Levante-se do chão —ordenou êle.

Rod ergueu-se e sentou-se no sofá.

—Está-se sentindo meio zozzo? —indagou Jim. Rod fêz um ligeiro

aceno.—Muito bem, conte-me o caso—disse Jim.—Que foi que levou você a isso?

Rod assumiu uma expressão maliciosa.

—Foi sua filhinha que me ensinou—respondeu êle. E depois:—Estou cansado, papai. Acho que vou dormir.

Ficamos escutando enquanto Rod subia a escada arrastando os pés.

—Deve ter sido Sharon—disse eu.—Ela deve estar tomando a droga também.

Lutei para impedir que minha cabeça estourasse. Nossas duas outras filhas, Juanita, de 24 anos, casada, e Lois, de 16 anos, estariam também tomando LSD? E como poderia isto acontecer com Rod—o admirado, o talentoso, o excelente atleta, o aluno brilhante? Êle havia realizado o seu sonho de entrar para West Point, fôra aluno laureado na Academia durante 15 meses e de repente pedira para ser desligado porque “não agüentava a disciplina”, segundo nos disse.

Jim passou um braço em volta dos meus ombros:

—Não vamos nos atormentar demais com êste problema. Nossos filhos são fundamentalmente sadios e

bons. Se Rod continuar “alto” amanhã, vamos levá-lo ao médico. Enquanto isso, terei de comunicar o fato. Precisamos encontrar os traficantes da droga.

Mal Jim saiu, Rod apareceu sorrindo. Não conseguia dormir.

—Quero falar com Sharon, mamãe—disse êle.

Pedi a ligação e, quando ela atendeu, Rod pegou o telefone.

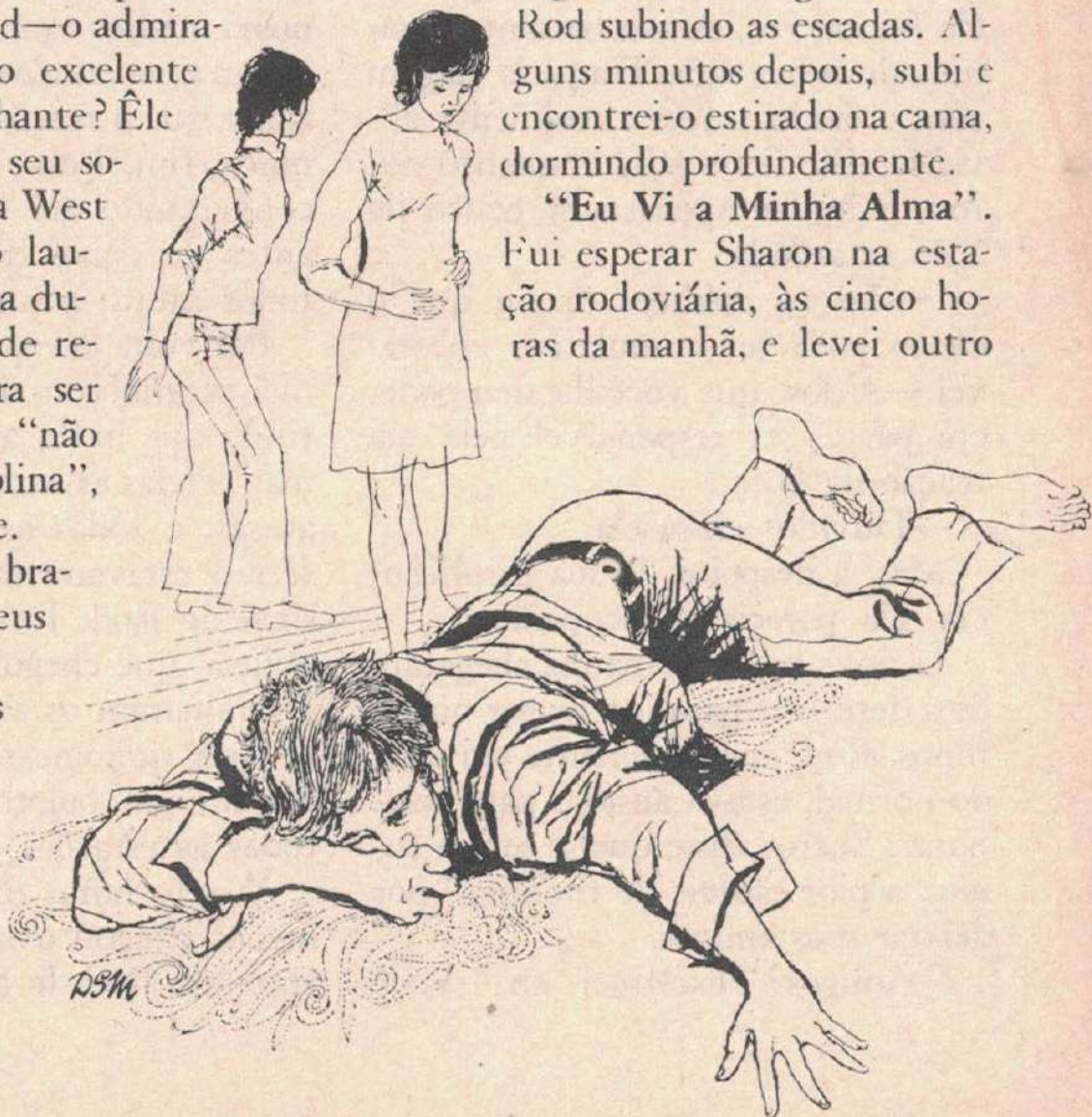
—Está simplesmente lindo, Sharon—disse êle—mas eu quero você aqui. Pode vir?

Ficou ouvindo, depois passou-me o fone.

—Tomarei o primeiro ônibus para aí—disse-me Sharon.

Quando desliguei, ouvi Rod subindo as escadas. Alguns minutos depois, subi e encontrei-o estirado na cama, dormindo profundamente.

“Eu Vi a Minha Alma”. Fui esperar Sharon na estação rodoviária, às cinco horas da manhã, e levei outro



choque. Nos últimos três meses, a nossa filha esbelta, viva e bonita tinha ficado gorducha e desmazelada, com os cabelos esfiapados, os olhos azuis sem brilho. Rezei para que meu rosto não revelasse a consternação que senti.

A caminho de casa, ela confessou ter iniciado Rod no LSD.

—Foi pouco antes dêle se desligar da Academia—disse ela—quando estava em casa de licença.

—Mas por que você fêz isso?—indaguei.

—Pelo menos 30% do pessoal no colégio fuma maconha, toma barbitúricos, anfetaminas ou LSD—disse Sharon, na defensiva.—Achei que talvez fizesse bem a Rod. Quando êle foi me ver, estava bastante desanimado com a vida. E aquela viagem com o ácido pareceu realmente aliviá-lo. Êle ficou feliz enquanto durou, e houve apenas um pouco de ação retardada.

—Mas os médicos dizem que o efeito pode ser cumulativo—observei.—A dose que você lhe deu pode, em parte, ser responsável pela sua reação de hoje.

—Duvido—disse ela.

Mas, a despeito de sua displicência, ela parecia preocupada.

Às nove horas da manhã chegaram dois detetives para interrogar nossos filhos. Rod, aparentemente em estado normal, estava ansioso para colaborar. Sharon disse que se sentia como “a pior espécie de traidora” por delatar seus amigos.

—Amigos?—exclamei eu.—Você

chama *amigos* a pessoas que empurram você para a lama e o estrume?

—Oh, eu vou dizer quem são—respondeu ela calmamente, e assim fêz.

Até à hora de Sharon partir para a universidade, no meio da tarde, Rod pareceu bastante bem. Mas quando ficamos a sós, êle de repente me disse baixinho:

—Não conte nada a ninguém, mãe, mas eu vi a minha alma. Ela é *linda!*—Nos meses que se seguiram eu passei a odiar esta palavra.—É a única verdade real que existe. Minha alma é verdade e beleza.

Êle estava sentado no sofá, novamente balbuciando e fazendo caretas.

“Corra! Fuja!” Naquela tarde, o nosso médico examinou-o. Rod estava em si novamente, e o médico disse achar que a reação havia passado. À noite, Jim, Lois, Rod e eu ficamos conversando até cêrca de 10 horas antes de irmos dormir. Estávamos todos muito animados.

Por volta das quatro horas da manhã, acordei com um sobressalto, sentindo que havia alguma coisa anormal. Tôdas as luzes da casa estavam acesas, e tôdas as portas do andar térreo estavam abertas. Não havia sinal de Rod. Jim telefonou para a polícia, que chegou minutos depois. Examinaram os arredores num raio de três quilômetros, e depois irradiaram um boletim de alerta para tôdas as estações policiais.

Às sete horas da manhã mais ou menos chegou o marido de Juanita trazendo Rod de carro. Tinha-o en-

contrado andando a pé pela auto-estrada. Rod deu uma explicação de arrepiar. Disse que enquanto conversava com o pai, com Lois e comigo, êle vira nossos cabelos ficarem brancos, nossos rostos se enrugarem e depois se dissolverem lentamente, expondo três almas—longas bôlhas de protoplasma—que se contorciam e riam horrendamente para êle. Depois, na cama, os rostos voltaram, enrugando-se, envelhecendo, amarelecendo e novamente se dissolvendo. Uma voz lhe disse: “Corra! Fuja dêesses rostos que estão morrendo por você. Fuja!”

Apavorado, êle saiu correndo para a auto-estrada. Mas os rostos estavam lá à sua frente, de modo que durante algum tempo êle se voltou e correu *para trás*—numa das rodovias mais perigosas do país. Depois de nos contar isto, Rod se descontrolou e chorou convulsivamente.

—Para mim basta—disse Jim.

Meia hora depois, estávamos a caminho do hospital. Rod viajou o tempo todo com a cabeça no meu ombro, apertando a minha mão com tanta fôrça que fiquei com ela dolorida durante três dias.

—Por favor, me ajude, mamãe—repetia êle.—Por favor, ajude Rod.

O Ôlho Palpitante. Quando o deixamos, êle estava sentado numa cadeira, olhando confiante o rosto de um jovem médico. Nessa noite telefonaram do hospital: Rod havia enlouquecido, correndo pela enfermaria, escondendo-se nos cantos, tumultuando tudo.

Voltamos e encontramos nosso filho dominado por uma reação tão violenta, que era pouco mais que um idiota incoerente. Êle estava de pé, numa bacia cheia de água, num quarto pequeno cercado de grades de ferro. Soubemos depois que lhe haviam permitido a bacia para satisfazer o seu capricho. Quando, afinal, êle nos reconheceu, exclamou:

—Veja, mamãe, eu sou Jesus Cristo! Estou andando sôbre a água!

O psiquiatra residente disse-nos:

—Nunca vi caso pior de intoxicação por drogas. Êle parece entrar e sair de um estado altamente tóxico.

—Poderá curar-se?—indagou Jim.

Houve uma longa pausa.

—A isso eu não posso responder—disse o médico.—Há muita coisa que não sabemos sôbre os efeitos a longo prazo desta droga. As viagens de efeitos nocivos ou excessivamente perturbadores podem provocar crises psicóticas que às vêzes duram vários meses. Evidentemente seu filho é extremamente sensível à droga. Certos sons, côres vivas e até mesmo uma conversa podem aluciná-lo. Se já foi encontrada cura para isto, nós a desconhecemos.

A caminho de casa nós não dissemos nada. Dois dias depois telefonaram-nos do hospital, para que fôssemos buscar Rod, porque êle parecia estar perfeitamente normal. Uma vez em casa, contou-nos que o verdadeiro motivo pelo qual abandonara a Academia fôra para poder ajudar Sharon. Êle ficara preocupado quando ela lhe escrevera, entusiasmada, que

estava tomando LSD. Em vez de ajudá-la, porém, êle próprio se havia tornado vítima.

A conversa sôbre o assunto desencadeou nêle nova reação. Começou a falar-nos dos animais interiores que êle havia soltado.

—Vocês precisavam vê-los—exclamou êle.—O maior é o ôlho palpitante. Êle vai crescendo, crescendo, até que ocupa tôda a sala, e de repente eu estou dentro dêle, olhando para fora, para tôdas as pessoinhas ao meu redor.

—Meu Deus do céu!—murmurou Jim, saindo do quarto. Quando voltou, disse:—Acabo de telefonar para o Dr. Adams, um psiquiatra que ouvi testemunhar no tribunal. Alguém, em algum lugar, precisa ajudar êste rapaz!

O Dr. Adams, homenzinho magro e nervoso com olhos de um azul de aço, fêz Rod entrar no consultório dêle. Decorrida quase uma hora, saiu sòzinho.

—Seu filho parece estar racional no momento—disse êle.

Estava a ponto de dizer mais, quando a porta se abriu e Rod apareceu. Tirou do bôlso um novêlo de linha multicolor.

—Esqueci-me de lhe contar, doutor—disse êle.—Eu estou perfeitamente bem enquanto tenho isto.

O Dr. Adams ficou observando Rod, concentrado em enrolar e desenrolar o novêlo. Finalmente, disse:

—Eu aconselho os senhores a internarem seu filho imediatamente no Hospital Estadual de Doenças Men-

tais. Se o caso dêle se transformou numa psicose crônica, poderá exigir um tratamento prolongado.

Brinco Para Orelha Furada. Periòdicamente nós íamos visitar Rod no Hospital Estadual, e durante algum tempo pareceu-nos que êle ia bem. Mas então, numa das visitas, vimos que êle tinha piorado outra vez. Tinha o cabelo em desalinho; tinha um colar de contas ao pescoço, e de um furo sangrento na orelha recém-furada por um de seus companheiros hippies pendia-lhe uma profusão de cristais de rocha. Posteriormente soubemos que alguns dos doentes internados no hospital tinham fácil acesso à maconha. Para Rod, no estado em que se achava, fumar maconha seria como acender o estopim de uma bomba.

—Infelizmente—disse o diretor quando Jim reclamou—nós temos excesso de doentes e escassez de pessoal. Seu filho está recebendo todos os cuidados que lhe podemos dar.

Alguns meses depois, Rod, aparentemente recuperado, teve alta do hospital. Mas quando Jim e eu o fomos buscar, disseram-nos que êle já havia partido, com amigos. Em casa, verificamos que êle tinha levado seu violão e algumas roupas. Um bilhete, num garrancho que nada tinha da sua caligrafia geralmente firme, dizia que êle ia seguir seu próprio caminho, e que nós não tentássemos encontrá-lo.

Jim tornou a examinar o bilhete.

—Êsse rapaz não está curado—disse êle.—Mas não adianta procurá-

lo. Êle sabe onde é a sua casa; sempre poderá voltar. Mas de agora em diante êle terá de escolher por si.

Desde aquêle dia Jim e eu temos aprendido o máximo possível sôbre as drogas e aplicado o conhecimento no desempenho do nosso trabalho. Os adolescentes presos, em sua maioria, são acusados de ingerir tóxicos; de modo que, com cada traficante que meu marido e eu prendemos,

achamos que talvez, de alguma forma, estejamos evitando que os jovens estabeleçam um contato que mudará suas vidas para pior.

Sharon, profundamente arrependida, tomou seus primeiros votos como freira. Nesse meio tempo ouvimos que Rod está casado e vivendo em outro Estado. Se êle lutou e venceu a sua própria batalha, nós não sabemos. Só nos resta rezar.



Imagens de Verão. Conheço muitos lugares que oferecem férias baratas—para quem fôr bastante rico para chegar lá (M. B.) . . . Agulhas de relâmpagos tecendo uma tempestade (R. H.) . . . Nuvens pastando lentas diante do Sol (H. C. E.) . . .

Def-Iguições. Mulher de vontade é aquela que consegue ficar mais tempo no telefone do que num programa de dieta (H. A.) . . . Patrono das artes: Apoio mural (R. J. C.) . . . Comitê Central Russo: Crème de la Kremlin (P. B.) . . .

In-Verso. Que dinheiro fala, não é fantasia; a mim êle disse: “Até um dia” (R. A.)



Se a Moda Pega . . .

UM JOVEM casal procurou um hotel de luxo no Rio de Janeiro para passar alguns dias da lua-de-mel. Ao chegar à recepção, pediram-lhes qualquer documento que provasse tratar-se de marido e mulher, como é costume nos hotéis brasileiros. Desolado, o rapaz confessou que havia esquecido êsse detalhe; mas o gerente, irredutível, pediu então qualquer outra prova do casamento. Foi aí que o môço, lembrando-se da recente recepção à saída da igreja, procurou aflito na cabeça da espôsa . . . até encontrar o que buscava: um alvo grãozinho de arroz. Satisfeito, o gerente felicitou-os e entregou-lhes a chave do apartamento.

—Sílvia Lustosa